

# **ARAME FARPADO**

**LISA ALVES**

2ª. EDIÇÃO

**EDITORA PENALUX**

Guaratinguetá, 2018

**EDITORA PENALUX**

Rua Marechal Floriano, 39 - Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP:12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

Edição

*França & Gorj*

Revisão

*Márcia Barbieri*

Capa e Diagramação

*Lisa Alves*

Finalização

*Ricardo A O Paixão*

Arte da Capa

*Colagem performance de Lisa Alves (2015),  
fotografia Juliana Botão.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

Elaboração: Bibliotecário Kleber Lima

CRB 3/1090

---

A474a ALVES, Lisa.

Arame Farpado / Lisa Alves - 2. ed. - Penalux: Guaratinguetá, 2018.

118 p.

ISBN: 978-85-5833-416-7

I. Poesia I. Título

CDD - 869.1

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Poesia I. Título

CDD - 869.91

Todos os direitos desta edição reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da editora Penalux.

## [ecos]

O Eu original foi desconectado  
e tudo o que restou fomos Nós (esses Eus sem paradigmas),  
no escuro de uma tabela periódica,  
crédulos da ciência e dos teísmos,  
cultivadores de rótulos, diplomas e de imóveis habitações.

[*woolfs* & *stornis* aqui dentro]

Eu sou desordem.  
Exterminadora de Eus passados.  
Alma em cálice de vida.  
Corpo entregue à ruína.

Eu sou canção do exílio – inteligência colonizada.  
Segredo para mais de 500 anos.  
Império de sem terras, de sem tetos e de sem vergonhas.

Meu sexo é algema, mácula e saia longa.  
Meus olhos esperam o não sei o quê.  
Curso pontes e pinguelas  
desafiando Leis e o *Reich* da Gravidade.

## [impressoras orgânicas]

O inverno e suas pétalas congeladas.

A frieza de toda gente estampada em suas bocas de sorriso *botox*.

Mais tarde chega a compreensão estacional – tudo é uma questão

[de Estado de Espírito.

Meu espírito anárquico não compreende

a frieza em pleno verão.

Nasci na tropicália mineirês,

no barroco europeu

com santos que nunca acreditei.

Aprendi a ler para rezar novena e fui parar em

*“Ave Bakunin!” e “Salve Lispector!”*.

Como explicar um ser que não é para o que veio?

Como explicar um mar seco?

Como explicar um espinho que nunca defendeu sua rosa?

Como explicar meu sexo flor em teu sexo flor?

Os moldes estão quebrados por todo o universo.

Não uso as mãos apenas para cultivar e conduzir

[o alimento até à boca.

Minhas mãos são como

impressoras orgânicas – transferem minhas

vivências de mundos em versos que jamais serão ensinados.

## [tirocínios líquidos para *elisa*]

*In memoriam de  
Alfonsina Storni e Virginia Woolf*

### I

No Mar uma mão flutua ligeira e agarra  
uma última versão da vida sobre as águas.  
É *Storni* ou *Woolf*? – reflito, interrogo.

A mão é um convite, um sinal,  
um canto de uma sereia metamórfica e ancestral.

O Mar é uma imagem obsessiva de quem só percorreu lagos  
e pequenos rios brotando em cerrados e chapadas.  
O Mar é uma transição que adio – até não sei quando (quandos?).  
O Mar é a esperança além – algo imenso e sobrecarregado de vidas  
e mortes sem túmulos.

Não findarei o ato com o coração  
vestido de terra e concreto – é por isso que resisto.  
Prorrogo o tempo do meu juízo.

No Mar proponho uma forma de entrega – um destino  
profundo e íntimo junto às sobras de uma civilização  
ocultada por plânctons e seres parasitários.

No Mar pesco a mão que significo.

## II

Você recorda do Monstro de 1981 – aquele que arrastou suas miúdas pernas para o fundo de um tanque lamacento? Era o seu Criador.

## III

Era a última gota  
como se fosse a última nota de uma  
canção ruidosa que ansiamos por silenciar.

Era a última gota  
como se fosse o último tempo  
de um serviço forçado.

Era a última gota  
como se fosse a última dose  
de um antídoto acre.

Era a última gota  
e para não findar o ato  
houve um congelamento.

[*monalisa* suburbana]

Mais uma vez ouço o piano – canção indigesta.  
Pasma peço aos orixás que empurrem  
o instrumentista desse devaneio.

Sou lagartixa – dieta insética.  
Paladar com repúdio ao requinte.

Aumento o som dos tamborins & abafos a penumbra classicista.

Enquanto isso as mãos de antepassados  
pintam-me na Gótica *City*.  
Exausta inundo-me de tinta e som.

Por Valquírias andrógenas sou penetrada.

Desço ao submundo e danço  
o trance macabro de *Wagner*  
em cima da ceia *da vinciniana*.



## [efígie]

Sentir o delírio  
da morte-mar,  
da morte-rio,  
da morte-pedra.

Ser Ofélia inversa  
em um ocaso  
dirigido.

Ser a parte,  
ser o estilhaço,  
ser seu recurso hídrico.

Permanecer percorrida por suas gemas:  
no alto,  
no cume,  
na ponta  
do abismo.

Naquele espaço onde as mãos afagam o céu.

## **Agradecimentos**

Aos meus pais (Maria e Sebastião) que se foram muito cedo e me ensinaram que a vida é só uma farpa infinita.

Aos(as) companheiros(as) de estrada literária, de vida, de amor e de abismos.